

Memória num Momento de Perigo – A Filosofia da História em Walter Benjamin.

Sílvia Cáceres

Este trabalho pretende discutir a filosofia da história em Walter Benjamin e estabelecer diálogos entre esta filosofia e uma tradição crítica do marxismo, mais ampla.¹ Benjamin como poucos autores, produz uma obra altamente interventiva e ciente de suas fontes. Entre estas fontes citamos a filosofia, a judaicidade, o romantismo e o Marxismo. Uma outra dimensão de sua obra, que conflui na relação das duas características anteriores é o fato de Benjamin ter produzido num *momento de perigo*: a ascensão e consolidação do projeto fascista; como alguns autores situam (entre eles o próprio Benjamin) este momento é essencial para a construção de forma mais clara, da crítica de Benjamin ao historicismo (enquanto visão triunfalista da história, enquanto tempo vazio de significantes em relação ao presente). Parece como poucos autores, reconhecer as fontes que combate (historicismo) e vincula-las a seu desdobrar enquanto parte de projeto na realidade histórica (fascismo). Para nós, esta conjunção específica diz algo mais; não é somente mais o *caráter interventivo* da obra e sua *clareza das fontes*; pois há uma clara potencialização destes elementos ao jogá-los em relação dialética com os fatos históricos e suas conseqüências.

Assim esperamos investigar Benjamin e a formação de sua filosofia da História a partir dos confrontos travados em seu pensamento por estas distintas fontes que se encontram num mesmo chão histórico. Compreendemos nosso autor como fonte de enorme contribuição ao marxismo crítico. E seguimos de perto suas próprias observações acerca do trabalho investigativo crítico; para nós é mais válido situar as distintas fontes de sua obra não como blocos e sim como plataformas de agir e pensar em relações históricas. Tal comentário nos serve para descartar as infrutíferas

¹ Nossa principal fonte para os textos de Benjamin é: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1994.

alongadas reflexões sobre ser ou não Benjamin um marxista. Estas reflexões se produzem, sobretudo a partir do contraponto entre marxismo e judaicidade de Benjamin; Concluímos mesmo que a judaicidade laica de Benjamin como fonte de sua obra e relacionada ao materialismo histórico, torna sua obra radicalmente marxista, pelo adensamento do aspecto histórico dialético em seu trabalho. Poderíamos mesmo dizer que sua filosofia da História, em relação à filosofia da história hegemônica na época (o que inclui amplos setores de esquerda) guarda muito mais do aspecto humanista e dialético do legado marxista, é muito menos teleológico do que a acertiva de que: O progresso está do nosso lado. Mas este enfrentamento: filosofia da História em Walter Benjamin versus Ideologia do Progresso, há de se desenvolver proximamente. Apesar da dualidade aqui apresentada: filosofia da história de Benjamin em combate aberto a ideologia do progresso, pretendemos também situar algumas contradições e perigos presentes na filosofia da história de Benjamin, minando em certos aspectos esta dualidade.

Ascensão do Fascismo e Constelações - teoria da totalidade em tempos totalitários.

Uma das questões centrais para o debate do marxismo é a conjugação de suas fontes. Vários são os textos que abordam esta questão e escolhemos aqui dois autores para acompanhar este debate: Lênin com *As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo* que aborda a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês, como partes imbricadas do marxismo. Um segundo autor é Löwy, com suas análises acerca do romantismo; não se trata de um contraponto a Lênin, mas sim uma reflexão mais aprofundada acerca do Romantismo que na maioria das vezes é fonte oculta, mas importante para a reflexão marxista.²

² As referências são os seguintes textos: LENIN, V. I. As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo. & LÖWY, M. Romantismo e Messianismo. Perspectiva / EDUSP, 1990.

A conjugação das três fontes citadas por Lênin: filosofia alemã (dialética), economia política inglesa (teoria do valor-trabalho) e socialismo francês (luta de classes) formam uma plataforma de compreensão/intervenção ativa para a derrocada do sistema capitalista. É uma teoria da práxis que, necessita da análise conjugada dos campos modernos de intervenção: política, economia e cultura. A interrelação destes elementos, contudo surgira em Marx, envolto numa relação de desigualdade: existe algo dado às vistas, que compõem a dominação de classe; mas há relações, não dadas à vista, de caráter econômico, que organizam esta exploração. É a clássica dicotomia estrutura - superestrutura.

Esta composição analítica, associada a uma hierarquização da relevância social, conformam uma primeira teoria da totalidade dentro do marxismo, que terá desdobramentos e apreensões adversas. Por diversas vezes, as opções de apreensão desta dicotomia compõem para nós uma clara opção por uma das fontes, por um dos elementos componentes do marxismo. É o caso do chamado materialismo vulgar, que claramente opta pelo econômico, criando um economicismo que se relaciona com as demais partes do todo de forma determinante, como único determinante. Há outras apreensões, que optam pela cultura, ou pelo político; estas, contudo ainda mais contraditórias, pois se esquivaram muitas vezes de debater a dicotomia estrutura, superestrutura, aceitando-a, ao mesmo tempo em que há um esforço de dribla-la.

Para nós é importante aqui seguir mais de perto a leitura estritamente econômica do capitalismo, produzida dentro do marxismo. Na conformação do capitalismo concorrencial a racionalidade econômica vence; os argumentos e provas do progresso técnico davam as vistas no auge do capitalismo concorrencial. O triunfalismo econômico se impunha. Este é o palco de forjamento da *ideologia do progresso*, uma das variáveis da leitura naturalizante dos processos históricos produzidas no sentido de conformação com a ordem vigente.

A ideologia do progresso é redimensionada quando da crise do capitalismo concorrencial em fins do século XIX. Ela ganha novas dimensões, onde os papéis da

burguesia nacionais e dos nacionalismos ganham cada vez mais assento dentro de assertivas imperialistas que se desenvolvem nas primeiras décadas do século XX. A social-democracia da II internacional e a III internacional comunista (após o congresso de 1924), não fomentam uma crítica a ideologia do progresso, não elaboram crítica suficiente nem mobilizam suas armas contra um dos pilares da política imperialista que é esta ideologia; assim fazem calar a carga crítica ao capitalismo (socialismo francês) e de análise dialética (filosofia alemã), reduzindo sua intervenção ao figurar como agente central da revolução o desenvolvimento das forças produtivas e não o proletariado.

A obra de Walter Benjamin é produzida dentro desta profunda alteração da localização da defesa da ideologia do progresso: produzida durante períodos do auge do capitalismo concorrencial, dentro da hegemonia liberal, a ideologia do progresso é cada vez mais tomada por setores nacionais de diversos países numa defesa do protecionismo, do nacionalismo, rumo a uma alteração numa política de livre-concorrência, para avançar na defesa do capitalismo imperialista, de disputa entre nações (burguesias nacionais). As Burguesias nacionais européias associadas a setores médios, cada vez mais passam a fomentar o nacionalismo como dimensão fundamental para seus interesses econômicos ameaçados pela livre-concorrência e também num jogo ideológico de contraposição ao projeto internacionalista que anima setores do proletariado em todo o mundo, e que paira como ameaça bem ao lado, dado a existência de uma Revolução proletária na Rússia.

Temos, portanto dois debates correntes, mas que apontam para o mesmo encaminhamento: de um lado socialistas na defesa do caráter progressista do avanço das forças produtivas; do outro, burguesias nacionais e setores médios em apoio ao progresso e contra a “proletarização” das burguesias nacionais. São como duas faces de uma mesma moeda, já que o chão de reivindicação é comum, o progresso que neste caso é condicionado ao elogio da máquina.

Já vinculamos o elogio da máquina, a adoção da ideologia do progresso por parte dos socialistas, como uma rendição a uma determinada hierarquia do pensar e agir, que por fim das contas mina o caráter crítico/dialético do marxismo. Isto (materialismo vulgar/ ideologia do progresso), que não é mera mobilização ideológica, possui conseqüências reais para a política anterior a primeira guerra, onde a parte majoritária dos socialistas alemães organizados na social-democracia são evasivos quanto à guerra imperialista e acabam por tomar-lhe partido, sem conseguir formular de forma adequada sua contraposição; Já situamos o uso estritamente burguês de tal ideologia. Estas questões estão vinculadas ao debate de totalidade, uma vez que elenca pelo prisma liberal (e ainda dentro do campo da direita posteriormente, o prisma totalitário) e por dentro do marxismo, uma determinada ordenação da totalidade a partir da economia e do estado das forças produtivas.

Chegamos ao interesse de nosso autor. A totalidade em Walter Benjamin está impressionada com o totalitarismo do fascismo. A totalidade no fascismo se reduz á: o que possui uso pragmático para a defesa do adestramento da luta de classes?³ Adestrar a luta de classes é obviamente um projeto da classe dominante. Assim, o fascismo na Itália pode adquirir várias defesas locais, dissonantes entre si, mas que encontram seu cerne de racionalidade não num todo consoante e abstrato (liberalismo clássico), mas sim o uso de particularismos muito mais dinâmicos e potentes para o projeto final de adestramento da luta de classes. Na tentativa de se desligar de qualquer política da totalidade manipuladora, Walter Benjamin se debate acerca da questão da totalidade ciente de sua central importância para a construção de uma teoria crítica e revolucionária. No esforço de uma teoria da totalidade sem totalitarismos, Benjamin aposta numa determinada apreensão de totalidade onde as imanências dos elementos se iluminam mutuamente revelando distintas faces do fenômeno, sempre num quadro relacional, sempre inseridos numa *constelação*.

³ KONDER. Leandro. Introdução ao Fascismo. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

O conceito de constelação elaborado por Benjamin e Adorno assim como menciona Terry Eagleton, está “menos preocupada em ‘possuir’ o fenômeno do que em libera-lo em seu próprio ser sensível e preservar seus elementos díspares em toda sua irreduzível heterogeneidade”. Sua expectativa é de um materialismo da imanência onde os mais pequenos objetos tragados pelo que chamamos civilização (história dos vencidos) e relegados pela própria dinâmica desta construção histórica da destruição (progresso) pudessem revelar seus diversos aspectos, trazendo junto com seu abandono, sua redenção.

É uma imagem da história apocalíptica, radicalmente negativa e ao mesmo tempo extremamente profana. Alimenta-se das imagens do passado, em busca da redenção da humanidade e só esta humanidade redimida pode apropriar-se totalmente deste passado (uma das teses sobre o conceito de história). Aqui a crítica romântica ganha contornos de potência contra os autoritarismos, contra as alusões ao passado igualmente românticas (romantismo fascista), porém radicalmente anti-humanistas, ao subverter o humanismo universal a teses nacionalistas e racistas como “só humano se da raça ariana”.

Benjamin movimenta forças dentro da crítica marxista, da teologia laicizada e do romantismo para nutrir sua intervenção. Esta intervenção possui alvos e certamente um deles é o fascismo; mas este não é seu interlocutor privilegiado. Sua preocupação é a de mobilizar forças contra este inimigo, que não há de se convencer por nenhuma sensibilidade e há de ser derrotado a partir da mobilização de forças opostas. Neste sentido Benjamin resgata a crítica ao progresso presente no romantismo como alerta aos socialistas.

Pela renovação da fonte oculta do marxismo (romantismo) em associação com a visão messiânica de tarefa (e não destino) da história de redenção, Benjamin elabora neste trecho uma descrição de sua visão de história que inverte os símbolos correntes: do positivismo eufórico que localiza no desenvolvimento das forças produtivas a chave para a redenção das gerações que virão. Benjamin elabora uma

concepção de intervenção no agora, sem nenhuma fé no “destino natural” da história. Isto porque o que nos mobiliza é uma carga secreta das gerações que nos precedem que não puderam bem suceder no intento revolucionário de redenção da humanidade.

Benjamin em seu conceito de constelação coloca novas questões para o campo da esquerda acerca do conceito de totalidade⁴, ao não hierarquizar seus elementos, vendo-os como um contínuo de iluminações de uns sobre os outros. Ainda se faz fundamental debater de forma crítica as percepções de estrutura e superestrutura (como tese de totalidade) para uma maior clareza de como esta totalidade se conforma, quais elementos organizam esta totalidade em última instância (se assim o concebemos) e como se forja esta última instância (seria ela também histórica? Será que a *última instância* localizada nas relações ditas econômicas, também não seriam fruto da racionalidade moderna e capitalista?). Temos aqui alguns nós, que, além de debates que influem na análise são fundamentais por incidirem também em nossas intervenções críticas na realidade.

Temos no marxismo uma potência, uma plataforma crítica; Isto, contudo não resolve o mundo para nós; acreditamos que os embates entre teses distintas dentro do próprio materialismo são embates reais dentro da esquerda. É importante conjugar seus componentes e alerta-los de suas conseqüências possíveis – aqui seguimos a crítica de Terry Eagleton. Por um lado, uma hierarquia de fontes da estruturação social orienta a ação de uma maneira mais clara. Por outro, esta hierarquia corre o risco de abandonar a dialética quando a totalidade é pensada em função destas fontes. Uma teoria da totalidade baseada na imanência dos objetos e da iluminação contínua de uns sobre os outros, tem o mérito de aprofundar o caráter histórico da investigação, a cada momento uma nova constelação é conjugada. Porém corre o risco de se perder no diletantismo e falta de critérios para elencar quais os elementos de composição

⁴ Uma fonte para esta discussão está em: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Cultura*. In: Cultura e Sociedade. São Paulo, Nacional, 1969.

desta constelação. De uma certa forma estamos aqui usando os termos de constelação; uma teoria da totalidade, iluminando as deficiências e contradições da outra. Para nós o que fica, sobretudo é a carga da crítica dialética fundamental para a intervenção, para fazer o pensamento abrir, sem contudo vagar. Guardamos o materialismo, a opção classista, a luta de classes como fundamento da história, a necessária intervenção para uma sociedade socialista que não advirá como dádiva divina e sim somente das lutas contra este sistema iníquo. Temos também a forte certeza de que este debate – teoria da totalidade - não se resolve meramente no plano teórico, são tensionamentos reais dentro de nossas práticas e leituras da realidade.